

Jesuítas e ciência: a produção de medicamentos através da *Colecção de Varias Receitas* de 1766¹

Jesuits and science: the production of medicines through the *Colecção de Varias Receitas* 1766

Viviane Machado Caminha São Bento
Universidade Federal do Rio de Janeiro
vivianecaminha@hcte.ufrj.br

Nadja Paraense dos Santos
Universidade Federal do Rio de Janeiro
nadja@iq.ufrj.br

Resumo: Como indivíduos inseridos em seu tempo, os jesuítas não estiveram alheios ao novo tipo de relação que se estabelecia entre homem e natureza, colocada como desafio para os homens do Renascimento. Tal relação se definiu, entre outras coisas, em função da utilização dos recursos da fauna e flora em benefício da sociedade através de práticas de exploração e conhecimento sobre o mundo natural. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é refletir sobre a atividade científica dos jesuítas na América portuguesa através de informações encontradas na obra *Colecção de Varias Receitas*, que reuniu receitas de medicamentos fabricados nas boticas jesuítas espalhadas pelo mundo ultramarino.

Palavras-chave: Jesuítas; Ciência e medicamentos.

Abstract: As individuals inserted in his time, the Jesuits were not unrelated to the new relationship established between man and nature, placed as a challenge for the men of the Renaissance. This relationship was defined, among other things, due to the use of the natural world resources for the benefit of society, through practical exploration and knowledge about the natural world. In this sense, the purpose of this communication is to reflect on the scientific activity of the jesuits in Portuguese America through information found in the book *Colecção de Varias Receitas*, which brought revenues of manufactured medicament in their pharmacies around the world overseas.

Key words: Jesuits; Science and medicament.

Artigo recebido para publicação em: Maio de 2015

Artigo aprovado para publicação em: Outubro de 2015

¹ Essa pesquisa recebeu financiamento da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a atividade científica dos jesuítas na América portuguesa através de informações encontradas na obra *Coleção de Varias Receitas*, que reuniu receitas de medicamentos fabricados nas boticas jesuítas espalhadas pelo mundo ultramarino.

Embora seja possível encontrar trabalhos que associem a prática científica à atividade religiosa, é mais comum nos depararmos com estudos que estejam atrelados à exploração das ciências exatas, apontando para a produção de jesuítas matemáticos e astrônomos.² Nesse sentido, este trabalho pretende contribuir para ampliar o olhar sobre a atuação dos jesuítas no âmbito do desenvolvimento e conhecimento médico farmacológico através da produção de medicamentos.

Nascendo como idealizadora de um projeto missionário e catequético de longo alcance, a Companhia de Jesus tornou-se a mais viva intérprete da ideia de Cristianismo proposta pela Contrarreforma, movimento que nasceu de crises sociais somadas ao movimento de renovação da piedade cristã, em fins do século XIV e início do século XV.³ Inaugurando uma nova interpretação do Cristianismo, a Companhia de Jesus se diferenciou das ordens monásticas por suas práticas e formas de se relacionar com o mundo.

Com o propósito de levar a fé católica para o mundo, a Companhia se tornou um importante instrumento do processo de renovação católica, sendo sua especificidade centrada no desprendimento e caracterizada, simultaneamente, pela predisposição ao movimento e pela obrigação de se envolver com o mundano, ou seja, em estar no mundo, percorrendo-o e indo ao encontro dos cristãos desviantes e daqueles que não possuíam conhecimento de Deus.

Reconhecida oficialmente em 1540, a Companhia de Jesus se destacou por ter a evangelização como ideal, desenvolvendo a ideia de apostolado pelo ensino. A fórmula do *Instituto* esclarece essa questão ao destacar que:

Qualquer um que na nossa Companhia, que desejamos seja assinalada com o nome de Jesus, quiser militar como soldado de Deus, debaixo da bandeira da cruz, e servir ao único Senhor e ao Romano Pontífice, vigário seu na terra, depois de fazer voto solene de santidade perpétua, assente consigo mesmo que é membro de uma Companhia, sobretudo fundada para, de um modo principal, procurar o proveito das almas, na vida e doutrina cristã, propagar a fé, pela pública pregação e ministério da palavra de Deus, pelos exercícios espirituais e obras de caridade, e nomeadamente ensinar aos meninos e rudes as verdades do cristianismo, e consolar espiritualmente os fiéis no tribunal da confissão; e trate de ter sempre diante dos olhos primeiro a Deus, depois o modo deste seu Instituto, que é como caminho para chegar a ele, e de conseguir por todas as forças este fim, que Deus lhe propôs, cada um, todavia, na medida da Graça, que o Espírito Santo lhe comunicar, e no grau particular da sua vocação, não suceda que algum se deixe levar de um zelo não regulado pela ciência.⁴

Nesse sentido, a prática da missionação e o trabalho pedagógico forjaram as bases estruturadoras da Companhia de Jesus. Os missionários encontravam-se dispersos no mundo e não apenas restritos à Europa. Ásia, África e América passaram também a fazer parte do seu campo de atuação, sendo correto

² Ver: CAMENIETZKI, Carlos Ziller. Esboço Bibliográfico de Valentin Stansel (1621-1705), Matemático Jesuíta e Missionário na Bahia. In: *Ideação*, Feira de Santana, n. 3, jan./jun., 1999. p. 159-182; _____. "Cientistas e religiosos". *Revista Com Ciência*. n. 65, maio de 2005; HADDAD, Thomas. A. S.; GONÇALVES, C. H. B. "Algumas observações sobre fontes jesuítas para a história da astronomia". *Circumscribere* (São Paulo), v. 4, 2008. p. 51-58 e FLECK, Eliane Cristina Deckmann; BIEHL, Maico. "Sobre os céus e as marés do Pacífico: as observações astronômicas do jesuíta Nicolás Mascardi" (Chile, século XVII). *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, v. 6, 2014. p. 104-124.

³ MULLET, Michael. *A Contra-Reforma*. Lisboa: Gradiva, 1985. p. 10.

⁴ LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Livraria Portugália/Civilização Brasileira, v. 1, 1938. p. 6.

afirmar que os jesuítas fizeram parte do processo colonizador de diversas regiões ligadas tanto ao Império português quanto ao espanhol.

Dispersos pelo globo, os jesuítas estiveram ligados a Roma, sobretudo, por conta da identidade forjada na longa duração de sua formação e através de estudos intelectuais profundos atrelados a um constante trabalho interno cujo principal instrumento foram os *Exercícios Espirituais*, exame de consciência para afastar afeições desordenadas e, assim, perceber e acolher a íntima ação de Deus. Essa identidade se definiu pelo “modo de fazer ou agir”, uma vez que mesmo não sendo idênticos, os jesuítas agiram de modos semelhantes, sempre orientados pela noção de salvação do *outro* que, em última instância, implicava em sua própria salvação.⁵

Exemplo de elemento aglutinador dessa identidade, a correspondência epistolar respondeu, a um só tempo, às exigências de difusão e propaganda dos resultados da catequese para o mundo externo. Sheila Moura Hue afirmou que a correspondência epistolar era “a coluna vertebral do corpo inaciano, confirmando o poderio da Igreja Católica e de sua expansão em tempos de Contra Reforma”.⁶ De modo significativo, na parte VIII dedicada à “união dos corações entre si e com sua cabeça”, as *Constituições* evocavam com insistência o papel da “troca de cartas”, onde a correspondência foi compreendida como desempenhando um papel ativo no governo da Ordem.⁷

Havia uma grande preocupação com a falta de notícias de algumas regiões onde se encontravam os jesuítas, como é possível perceber na carta enviada aos provinciais da Companhia do Brasil e da Índia, ao sinalizar que:

Até aqui se tem informações muito imperfeitas das coisas que acontecem nestas missões [Brasil e Índia]. Isso se deve ao fato que se deixa aos que ali trabalham o cuidado com o escrever para Roma. E assim uns o fazem outros não, e estes são a maioria. Mesmo os que escrevem dão informações de algumas coisas e de outras não, embora fosse mais conveniente que se soubesse. Assim, para remediar isso nosso Padre Mestre Inácio, ordena a Vossa Reverendíssima, e a quem quer que tenha o cargo de Provincial, que se encarregue de escrevê-las ou determine alguém para fazê-lo, com a devida antecedência, para que não deixem de ser enviadas a tempo.⁸

No seio da Companhia, a correspondência epistolar desempenhou, portanto, a função de difundir o modo de proceder dos jesuítas, fundamento de sua identidade. Assim, a correspondência “ligou não apenas os membros dispersos à cabeça do corpo (Roma), mas também estabeleceu uma rede horizontal de relações”, ligando entre si aqueles que foram divididos.⁹

Ao conteúdo edificante da correspondência, somaram-se notícias sobre as adaptações das regras gerais às condições locais colocadas em prática em face da especificidade da região onde se encontravam esses homens. Para que o centro pudesse estabelecer seu governo, havia a necessidade de conhecer as condições locais, e o formato epistolar permitiu descrições vivas onde se tornou possível vislumbrar as situações às quais os missionários estiveram expostos. Ao envio de informações, esperava-se o retorno de

⁵ Expressão utilizada por Charlotte de Castelnau-L'Estoile para designar o *modus operandi* dos jesuítas. Ver: CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil 1580-1620*. Trad. Ilka Stern Cohen. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.

⁶ HUE, Sheila Moura. *Primeiras cartas do Brasil [1551-1555]*. Tradução, introdução e notas, Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 20.

⁷ CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Op. cit.*, nota 3, p. 72.

⁸ LACOUTURE, Jean. *Os jesuítas: os conquistadores*. Trad. Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, v.1, 1994. p. 127.

⁹ CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Op. cit.*, nota 3, p. 72.

instruções para que se ajustassem as normas à situação local, colocando em evidência o princípio da adaptabilidade que norteou a ação missionária.

Para além da tarefa evangelizadora/educacional, importa sinalizar que os jesuítas desempenharam outros papéis, destacando-se também na função de arquitetos, cozinheiros, astrônomos, engenheiros e, sobretudo, exercendo os serviços de saúde, na qualidade de enfermeiros, cirurgiões e boticários.¹⁰

No que diz respeito especificamente aos serviços de saúde, a atuação dos jesuítas se constituiu em um capítulo à parte na história colonial, ilustrativo, não apenas das difíceis condições de vida mas também da forma de escrita que desenvolveu.

Como indivíduos inseridos em seu tempo, os jesuítas não estiveram alheios ao novo tipo de relação que se desenvolvia entre homem e natureza, colocada como desafio para os homens do Renascimento. Assim, cabe destacar que o movimento renascentista não pode ser visto exclusivamente pela perspectiva de criações e beleza no campo das artes, segundo uma tradição iniciada com Burckhardt de renascimento idealizado.¹¹ Ao lado dessa premissa, para Jean Delumeau, é imprescindível perceber que esse movimento fez parte de um momento das sociedades ocidentais europeias de reestruturação perante o cenário de crise dos séculos XIII e XIV, resultando também em avanço tecnológico. Nesse sentido, a relação homem e natureza se definiu em função da utilização dos recursos do mundo natural em benefício da sociedade através de práticas que visavam estabelecer a exploração e o conhecimento da natureza.¹²

Disso, resultou um tipo de escrita que ultrapassou os limites do espaço religioso por se dedicar a outra faceta da Ordem, uma escrita de característica científica, exemplificada na redação de manuscritos sobre as qualidades medicinais de elementos da flora e fauna do Brasil através da pena de jesuítas como Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Fernão Cardim e Francisco Soares para o século XVI, Jácome Monteiro para o século XVII e Diogo Nogueira, João Daniel e Francisco de Lima para o século XVIII. E, em última instância, na *Coleção de Varias Receitas*, conforme veremos.¹³

A obra de Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, de 1580, oferece excelente exemplo desse tipo de escrita ao destacar, entre outros aspectos, a descrição de árvores e ervas que serviam para medicina e mezinhas.¹⁴ O capítulo VI, “das arvores que servem para medicina”, descreveu uma série de elementos do mundo natural que poderiam ser utilizados na confecção de medicamentos, entre eles destacaram-se a *igpecacóaya* (ipecacuanha), proveitosa no tratamento das câmaras de sangue (disenteria acompanhada de sangramento), a *erva-santa* indicada para “feridas, catarros, além de doenças da cabeça, estômago e asmáticos”, a *sobaúra* apropriada para “chagas velhas, que já não têm outro remédio” e a *goembegoaçú*, usada no tratamento do “fluxo de sangue de mulheres”.¹⁵

Na mesma relação foi mencionada a utilização da árvore *Cupaigba* (Copaíba), de onde se retirava o óleo de copaíba, muito estimado na confecção de medicamentos. A planta foi descrita como:

[...] huma figueira commumente muito alta, direita e grossa; tem dentro della muito oleo; para se tirar a cortão pelo meio, onde tem o vento, e ahi tem este oleo em tanta

¹⁰ Para informações sobre as ocupações dos jesuítas ver: LEITE, Serafim. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549 – 1760)*. Lisboa: Brotéria, 1953.

¹¹ BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹² DELUMEAU, Jean. *A civilização do Renascimento*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

¹³ Coleção de varias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades, 1766.

¹⁴ CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

¹⁵ *Ibidem*, p. 37-39.

abundancia, que algumas dão hum quarto, e mais de oleo, He muito claro, de cõr d'azeite; para feridas He muito estimado, e tira todo sinal. Tambem serve para as cãdeas e arde bem; os animais, sentindo sua virtude, se vêm esfregar nellas; ha grande abundancia, a madeira não vale nada.¹⁶

Viajantes e cronistas como Pero de Magalhães Gândavo também foram felizes ao constatar os benefícios da Copaíba ao destacar que:

[...] se tira bálsamo mui salúfero e proveitoso em extremo para toda sorte de enfermidades, principalmente nas que procedem de frialdade, causa grandes efeitos e tira todas as dores em muito breve espaço, por graves que sejam. Para feridas ou quaisquer outras chagas tem a mesma virtude: logo que com ele as tratam, saram mui depressa, e tira os sinais de maneira que de maravilha se enxerga onde estiverem, e nisto, faz vantagem a todas as outras medicinas.¹⁷

Convém, entretanto, sinalizar que esse tipo de escrita para os jesuítas está relacionado a uma atitude científica, não se tratando de mera curiosidade despreziosa, uma vez que servia ao propósito de divulgação de propriedades terapêuticas de plantas nativas para sua utilização na fabricação de medicamentos. Além disso, sabe-se que eram levadas para espaços apropriados, como quintais e campos, quantidades razoáveis de espécies nativas e de outros lugares do mundo, o que permitiu a exploração do potencial curativo de cada planta.¹⁸

Conhecida na América portuguesa como “bálsamo dos jesuítas”, a Copaíba, ou melhor, o óleo/resina extraído dessa árvore típica da América Latina e África Ocidental, era muito utilizado pelas populações indígenas “para curar feridas de guerreiros após batalhas e para passar no coto umbilical de recém-nascidos”.¹⁹ Sua referência também não se restringe à América portuguesa, sendo encontrada menção à sua utilização nos escritos do jesuíta José Acosta, na obra *Historia natural y moral de las índias*, de 1792, como “elemento de excelente odor e eficiente para curar feridas e enfermidades”.²⁰

O manuscrito *Colecção de varias receitas e segredos particulares da nossa Companhia de Portugal, da Índia, de Macau e do Brasil. Compostas e experimentadas pelos melhores médicos e boticários mais celebres que tem havido nestas Partes. Aumentada com alguns índices e notícias muito curiosas e necessárias para a boa direção e acerto contra as enfermidades*, de 1766, informa que o “bálsamo dos jesuítas” era utilizado na fabricação de diversos medicamentos como, por exemplo, o *Bálsamo para Empígen* (doenças de pelo), o *Bálsamo Apoplético*, a *Caçoula admirável*, o *Emplastro para dores de cabeça*, o *Linimento para Empíge*, a *Pílula Hiterica*, a *Tintura estomacal*, a *Triaga Brasília*, a *Nova Triaga Brasília*, os *Trociscos de jararacas*, o *Unguento de azougue*, *Unguento para empíjas* e o *Unguento preservativo das erpes*.²¹ O que também chama atenção é seu uso polivalente, que vai desde medicamento para doenças de pele, passando pela cicatrização de feridas, até dores de cabeça e herpes.

Outro ponto que merece ser destacado é o fato de que, mesmo sendo espécie vegetal típica do Brasil e de zonas tropicais, a Copaíba foi utilizada em receitas de medicamentos preparados em boticas

¹⁶ *Ibidem*, p. 37.

¹⁷ GÂNDAVO, Pero de Magalhães de. *A primeira história do Brasil: história da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil - 1576*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 86.

¹⁸ Sobre essa questão ver: ALMEIDA, Luis Fernand de. *Aclimação de plantas do oriente no Brasil durante os séculos XVII e XVIII. Páginas dispersas – estudos de história moderna de Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras de Coimbra, 1995.

¹⁹ PIERI, Fábio. *et. al.* Óleo de copaiba (*Copaifera* sp.): histórico, extração, aplicações industriais e propriedades medicinais. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*. Botucatu, v.11, n.4, 2009. p.467.

²⁰ *Idem*.

²¹ *Colecção de Varias Receitas, 1766. Op. cit.*, nota 10.

jesuítas que não apenas as da América portuguesa como, por exemplo, nos colégios jesuítas de São Paulo, de Macau, na China, e na Casa de São Roque, em Portugal. Tal fato sinaliza para a existência de uma intensa circulação de conhecimento científico no seio da Ordem, uma vez que a utilização da Copaíba na China e em Portugal ilustra que plantas nativas eram levadas para outros locais de atuação da Companhia de Jesus.

Além de coletar informações sobre as características e explorar as potencialidades das plantas nativas, os jesuítas difundiram e estimularam a circulação de produtos, até aquele momento, desconhecidos no Velho Mundo, pois muito do conhecimento sobre as utilidades terapêuticas e alimentares das plantas foi herdado de compêndios escritos na Antiguidade. Conforme destacou Heloisa Gesteira:

Em relação aos saberes sobre plantas, presentes na cultura da História Natural e da medicina, as referências eram os escritos de Plínio e Dioscórides. O contato direto com novas regiões levou ao questionamento dos saberes herdados dos antigos, que ainda eram uma referência, mas tornava-se igualmente relevante a experiência da observação direta.²²

O intercâmbio de conhecimento botânico entre as diversas boticas jesuítas coloca em evidência um tipo de escrita que, por seu conteúdo informativo, destaca a operação da Companhia em rede. Tal fato abre espaço para se refletir não apenas sobre a circulação de conhecimento mas também sobre a configuração de uma rede de poder, tendo em vista que muitos dos medicamentos eram de segredo, ou seja, seus componentes não eram revelados e, por isso, garantiam para seus produtores singularidade no *hall* de produtores de remédios, bem como renda.²³

Nesse sentido, os medicamentos se destacavam muito mais pela propaganda de seus efeitos do que propriamente por sua composição, como é possível verificar nos nomes de alguns remédios produzidos pelos jesuítas como o *Bálsamo Apopleptico Optimo para Mulheres*, *Quintilio Optimo*, *Rosa Solis Optima*, *Solimão Optimo*, *Tartaro Emetico Optimo* e *Triaga Optima da Botica do Collegio Romano*.²⁴

Interessante notar, é que para os medicamentos de segredo, muitas vezes, foram elaboradas formulações diferentes, mas com a mesma denominação, como foi o caso da *Triaga Brasilica Celeberrima em todo aquelle novo Mundo da Botica do Collegio da Bahia* e a *Nova Triaga Brasilica que se faz no Collegio da Companhia de Jesus da Bahia*.²⁵ Medicamento de efeito polivalente, destacava-se pela ação positiva para curar venenos de cobra e outros animais peçonhentos, dores de estômago, cólicas, vômitos, vermes, epilepsia, apoplexia, melancolia, convulsão e diversos outros males.

Esse medicamento projetou a América portuguesa no cenário internacional de circulação de saberes e contribuiu para reforçar a rede de colégios jesuítas espalhados pelo mundo. Entre seus componentes contavam-se nada menos do que 21 raízes, 7 sementes, 4 extratos, um total de 8 outras partes vegetais como cipós, cascas, botões florais e flores, 18 gomas, 8 óleos químicos e 11 sais químicos, perfazendo um total de 77 itens.²⁶

²² GESTEIRA, Heloisa Meireles. A América portuguesa e a circulação de plantas, séculos XVI-XVIII. In: Lorelai Kury. (Org.). *Usos e circulação de plantas no Brasil* - séculos XVI-XIX. 1. ed. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estudio, 2013. p. 42.

²³ Sobre os medicamentos de segredo ver: MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em Boiões: Medicina e Boticários no Brasil setecentista*. Campinas SP: Editora UNICAMP, 1999.

²⁴ LEITE, Serafim. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549 – 1760)*. *Op. cit.*, nota 8, p. 284-291.

²⁵ *Ibidem*, p. 291.

²⁶ *Ibidem*, p. 295-297.

Cabe destacar que a produção de *triagas*, também conhecidas como *teriacas* e *teriagas*, foi comum a várias civilizações da Antiguidade, perdendo-se, com isso, sua origem no tempo.²⁷ Eram denominações dadas a remédios empregados contra mordedura de animais peçonhentos e seus efeitos, muito apreciados por monarcas, sendo:

[...] o mais importante desses monarcas o rei Mitrídates VI do Ponto (132 a.C.-63 a. C.) quem, enormemente obsessivo com a morte por envenenação, inoculava em seu próprio corpo doses gradualmente crescentes de veneno que o imunizariam de doses fatais destas substâncias letais. Além disso, Mitrídates havia adquirido um enorme conhecimento de ervas da região do Ponto e de suas virtudes. Sua obsessão fez com que ele criasse diversos antídotos contra os venenos, entre os quais, um particularmente eficaz conhecido como Mitrídático ou, em latim, *Mithridatium antidoton*, que segundo Plínio o velho era constituído por 54 substâncias.²⁸

Ainda nos informa Bruno Leite que, após derrota nas Guerras Mitrídáticas, foram encontrados entre os pertences do rei “uma arca, um registro pessoal escrito pela mão de Mitrídates no qual continha uma série de receitas e entre elas aquela do precioso Mitrídático”.²⁹ Dessa forma, seu conhecimento chegou aos médicos romanos, que aprimoraram a receita, incluindo outros elementos e, finalmente, criando a *Teriaca de Andrômaco*, em homenagem a Andrômaco, o Velho, médico de Nero. Tem-se a notícia de que a famosa *Triaga de Roma* e de *Veneza* teria sido inventada a partir da imitação desse medicamento e, assim, tantas outras, como, por exemplo, a própria *Triaga Brasileira*.

Para além do receituário de medicamentos, a *Colecção de Varias Receitas* traz documentada a produção de óleos e sais químicos, em uma clara demonstração da sintonia dos conhecimentos farmacológicos dos jesuítas com a medicina praticada na Europa Moderna. Assim, a produção de *Pedra Infernal* (nitrato de parta, AgNO_3), de *Mercúrio sublimado doce* (cloreto mercurioso, Hg_2Cl_2) ou o processo de *calcinação do Cobre* apontam para uma forte inspiração em Paracelso, a partir do estudo empírico dos fenômenos químicos.³⁰

Segundo o entendimento paracelsista, a doença era causada em função de um desequilíbrio dos três princípios hipostáticos, a saber: o sal significando o corpo; o enxofre, a alma e o mercúrio, o espírito. Nesse sentido, os remédios de origem mineral, derivados, sobretudo, de metais clássicos e de não metais, teriam a função de restabelecer este equilíbrio. Os compostos de mercúrio eram utilizados externamente no tratamento de doenças de pele e sífilis e internamente como diuréticos; os derivados de arsênio e de antimônio eram mais próprios para os diversos tipos de câncer e mesmo para lepra. E, na produção desses compostos, era bastante comum a utilização de ouro (Au), prata (Ag), cobre (Cu), ferro (Fe), chumbo (Pb) e estanho (Sn).³¹

Em diversas receitas da *Colecção* encontramos referência à utilização desses mesmos metais e elementos químicos como mercúrio (Hg), enxofre (S), bem como seus compostos como a flor de enxofar, antimônio dioforético, vitriolo calcinado e sal de chumbo. A esses compostos eram adicionados elementos da flora e da fauna, mas sua utilização aponta para a existência de uma relação constante com a iatroquímica ou quimiatria, ou seja, a aplicação da química na medicina, muito embora os jesuítas não se

²⁷ Para mais informações ver: LEITE, Bruno M. Boto. Mezinhas antigas e modernas: A invenção da triaga brasileira pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial. São Paulo. *Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. São Paulo: Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2012.

²⁸ *Ibidem*, p. 4.

²⁹ *Idem*.

³⁰ Ver: MAAR, Juergen Heinrich. *Pequena História da Química*. Florianópolis: Papa Livro, 1999.

³¹ *Ibidem*, p. 222.

distanciassem da interpretação da doença em função do desequilíbrio de humores, de tradição hipocrático-galena e das ideias ambientalistas.

Segundo essa perspectiva, qualquer mudança ambiental ou alguma condição particular como um “verão especialmente quente ou úmido, ou uma desfavorável conjunção dos planetas, por exemplo, podia influenciar negativamente a hidráulica interna do corpo, com previsíveis resultados perniciosos”.³² A marca da medicina durante a Época Moderna foi sua relação de proximidade com o mundo da magia, sendo, portanto, a doença concebida como força sobrenatural.

Desse modo, “o uso de amuletos e a larga utilização de plantas e animais na confecção de mezinhas eram comuns não apenas nos meios populares, mas também em importantes tratados de medicina”.³³ Por isso, ganha sentido a indicação na *Coleção de Varias Receitas* de períodos que seriam mais propícios para o preparo de alguns ingredientes dos medicamentos, como o caso dos famosos *pozes sympaticos*, que deveriam ser produzidos preferencialmente no período de 20 de julho a 20 de agosto e o *Quintilio*, entre 16 de novembro a 25 de dezembro.³⁴

Todas essas evidências nos levam a refletir criticamente sobre a atuação dos jesuítas em relação ao mundo natural motivada em função das circunstâncias locais, ou mesmo de modo improvisado, conforme aparece na abordagem de Serafim Leite, ao sinalizar que:

[...] a necessidade local obrigou pois os jesuítas a terem abundante provisão de medicamentos; e também logo a procurarem os que a terra podia dar, com as suas plantas medicinais, que começaram a estudar e a utilizar em receitas próprias, como as do Irmão Manuel Tristão de que Purchas dá notícia em 1625. Destes remédios e tisanias, iniciadas no século XVI, se foi pouco e pouco ampliando a preparação de outros, com ingredientes europeus e da terra, até se estabelecer a farmacopéia brasileira.³⁵ (Grifo meu).

Essa chave de leitura um tanto quanto reducionista da preocupação dos inicianos com o desenvolvimento do conhecimento sobre o mundo natural parece equivocada, mesmo que se reconheçam as condições de adversidade para o cotidiano colonial, sobretudo dos primeiros séculos, quando a população esteve exposta não apenas ao isolamento mas também às intempéries climáticas e ataques de animais, a toda sorte de doenças e epidemias, além de períodos de fome, por vezes prolongados.

Nesse cenário, parece ser mais condizente a reflexão que insere essa preocupação dos jesuítas com o conhecimento do mundo natural no contexto do Renascimento científico que buscou, através da releitura crítica de textos clássicos, compreender as obras segundo seus próprios princípios, ou seja, traduzidas no interior de seus próprios contextos e problemas. Sobre essa questão, Bruno Leite sinalizou que:

[...] esta influência humanista foi tão pujante que toda a cultura das boticas sentia o impacto desta crítica textual. Contudo, isso não parara por aí. Uma vez estabelecida precisamente as fórmulas dos antigos, e compreendido o mecanismo pelo qual se estabeleciam esses compostos, os médicos humanistas observavam que muitos dos ingredientes das fórmulas eram de difícil obtenção. Assim, servindo-se de, como dissemos, uma imitatio que se

³² LINDEMANN, Mary. *Medicina e sociedade no início da Europa Moderna*. Lisboa: Replicação, 2002. p. 9.

³³ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 43.

³⁴ *Coleção de Varias Receitas*, 1766. *Op. cit.*, nota 16, p. 515-516.

³⁵ LEITE, Serafim. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*. Lisboa, Typografia do Porto, 1956. p. 86.

desdobrava numa renovatio ou invenção, muitos médicos e boticários começaram a propor novas composições medicamentosas.³⁶

Naturalmente, essa busca por substituir ingredientes difíceis, de encontrar por outros de mais fácil acesso, estimulou em muito o desbravamento do mundo natural por todos os que se dedicavam à prática das receitas de medicamentos, não estando, portanto, os inicianos afastados desse cenário. Como homens do Renascimento, os jesuítas não estiveram alheios aos novos processos de apreensão do mundo e da natureza característicos do período Moderno. A interpretação e o desvendar da natureza como objeto permitiu reunir conhecimentos e informações sobre tudo o que causava expectativa e, desse modo,

[...] o homem orientou sua intervenção no mundo através da penetração do sujeito nos mistérios, até então ocultos, na busca da felicidade na imensidão do céu e da natureza, sem receio de se transformar em Deus. Mas se aproximando da perfeição divina, o homem orienta sua intervenção no mundo, superando a culpa do pecado original que o havia afastado do paraíso e reinventando criticamente um novo paraíso, melhor definido em termos de espaço do homem, pois já considera os males produzidos pelas ações não racionais do homem.³⁷

O conhecimento do mundo natural permitiu ao homem utilizá-lo a seu favor, potencializando a transformação de tudo aquilo que até então limitava seu campo de ação, trazendo a oportunidade de o homem conquistar a natureza, sendo um desses meios, a exploração do mundo botânico para a qual a diversidade encontrada na fauna e flora da América foi bastante significativa.

Nesse sentido, naturalistas e missionários diversos se puseram a caminho do Novo Mundo com a tarefa de desbravar e investigar a natureza, sendo os espanhóis os pioneiros nessa empreitada com a publicação, já em 1498, da *Relación acerca de las antigüedades de los Indios*, de frei Ramón Pané; em 1535, da *Historia general y natural de las Indias*, de Gonzalo Fernandes de Oviedo; em 1559 e 1569, da *Historia general de las cosas de Nueva España*, de frei Bernardino de Sahagun e, em 1590, da *Historia natural y moral de las Indias*, do jesuíta José de Acosta.³⁸

Para a América portuguesa, a Coroa não desenvolveu oficialmente nenhum projeto de exploração do mundo natural nos séculos XVI e XVII. Com isso, prevaleceu a prática de um trabalho descritivo sobre a natureza encontrado em obras como a de Claude d'Aubeville, *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines* de 1614; Yves d'Évreux, *Voyage au nord du Brésil fait en 1613 et 1614 par le père Yves d'Évreux* de 1614; André Thévet, *La cosmographie universelle d'André Thévet, cosmographe du roy* de 1557; Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* de 1558; Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil* de 1557; Pero Magalhães Gândavo, *História da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* de 1576; Gabriel Soares de Souza, *Tratado descritivo do Brasil* de 1587.

Os jesuítas também deram sua contribuição através de obras e cartas que versavam sobre o mundo natural não apenas descrevendo as plantas e suas propriedades, mas também indicando o local onde se poderia encontrá-las. Esse foi o caso de vários ingredientes para composição da *Triaga Brasileira* como a erva-caacicá, erva-de-sangue, raiz de capeba, raiz de jaborandi, raiz de jarro, raiz de pagimirioba, sementes

³⁶ LEITE, Bruno Martins B. *Mezinhas antigas e modernas*. A invenção da Triaga Brasileira pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial. *Op. cit.*, nota 21, p. 3.

³⁷ RODRIGUES, Antonio Edmilson M. *Saber, Cultura e Modernidade: um ensaio sobre a produção do conhecimento no Renascimento europeu*. Rio de Janeiro: Rascunhos de História, PUC - Rio, n. 7, 1994. p. 8.

³⁸ CARNEIRO, Henrique. *O saber fitoterápico indígena e os naturalistas europeus*. *Fronteiras*. Dourados, MS: v. 13, n. 2 3 jan./jun. 2011. p. 13-32, p. 16.

de neampus, cipó-de-cobra e jararacas, todos facilmente encontrados no Colégio da Bahia e em sua quinta.³⁹

A criação de jararacas pelos jesuítas se dava em função da preparação de um dos ingredientes da *Triaga*, os chamados *trociscos de víboras ou jararacas*, feitos após a carne seca das jararacas ter passado pelo processo de pilagem e virado um pó que era então misturado a outras substâncias para ganhar a forma de pastilha.⁴⁰

Na descrição da *Triaga de Andrômaco*, Bruno Leite sinalizou que o modo de preparo dos *trociscos de jararaca* dos jesuítas se assemelhava em praticamente tudo com o preparo dos *trociscos* ou *patilhas de víbora* assinalando que:

[...] era feita com a carne de víbora, especialmente uma serpente deste tipo fêmea e não prenhe. Tomava-se a serpente e cortava-lhe a cabeça e a cauda porque acreditava-se que nestas regiões havia um alto teor de substância venenosa. Isto feito, deixava-se secar o corpo da serpente e, uma vez seco, tirava-lhe a escama e a espinha. Depois, o que havia sobrado era pilado até virar pó e com isso, misturando-lhe outras substâncias, fazia disso os *trociscos* ou *patilhas de víbora*.⁴¹

Toda gama de medicamentos eram produzidos nas boticas jesuítas e assumiam formas diversas como emplastos, unguentos, pós, tinturas, xaropes etc. Essas boticas geralmente ficavam localizadas ao lado das enfermarias, dentro dos colégios. Mas, sabe-se também que tiveram lugar em fazendas, como é o caso das boticas da fazenda de Campos Novos e da fazenda de Campos dos Goitacazes, ambas localizadas na cidade do Rio de Janeiro, respectivamente, nos municípios de Cabo Frio e Campos dos Goytacazes.⁴²

O conhecimento sobre esses espaços é comprometido em função da pouca documentação existente. Mas, sabe-se que a botica do Colégio da Bahia, produtora da *Triaga Brasílica* entre outros medicamentos, era “[...] ampla, ao rés do chão (Terreiro de Jesus), no lugar precisamente onde é hoje a entrada da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia”.⁴³

Tais locais eram ainda bem equipados, conforme é possível perceber na descrição da botica do Colégio do Maranhão, tida como modesta, onde foram encontradas:

Tres fornalhas, uma estufa com os trastes seguintes: hum alambique de cobre estanhado, dois alambiques de barro vidrado, 5 tachos de arame, um almofariz de 2 arrobas com sua mão de ferro, e outro de 12 libras com sua mão, mais 2 pequenos, tinha mais quatro alambiques de mármore com mãos de pau, mais 2 de marfim pequenos, 6 tamizes com suas tampas de couro, 4 sedaços. Tinha mais 2 almarios grandes e hum bufete grande com 4 gavetas; 2 pares de balanças pequenas, mais duas que eram ordinárias, uma de arame, outra de folha. [...] Tinha mais 30 tomos de Medicina e Botica.⁴⁴

Dos medicamentos produzidos nas boticas da América portuguesa, destacam-se 39 receitas provenientes da botica do Colégio da Bahia, entre elas o *Bálsamo Apoplético* também produzido nas boticas dos colégios jesuítas de Macau e São Roque e o *Emplastro admirável para espinhela* também produzido na

³⁹ *Coleção de Varias Receitas*, 1766. *Op. cit.*, nota 16, p. 400-406.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 427-428.

⁴¹ LEITE, Bruno Martins B. *Mezinhas antigas e modernas: A invenção da Triaga Brasílica pelos jesuítas do Colégio da Bahia no período colonial*. *Op. cit.*, nota 21, p. 6.

⁴² Ver: GESTEIRA, Heloisa Meireles; TEIXEIRA, Alessandra dos Santos. As fazendas jesuíticas em Campos dos Goitacazes: Práticas médicas e circulação de ideias no Império português (séculos XVI-XVIII). *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*. n. 27-2, 2009, (p. 117-144) e CARVALHO, Jonas. Projeto Caminhos de Darwin. Disponível em: <http://fazendacamposnovos.blogspot.com.br> Acesso em: 29/03/2015.

⁴³ LEITE, Serafim. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*. *Op. cit.*, nota 29, p. 14.

⁴⁴ LEITE, Serafim. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549 – 1760)*. *Op. cit.*, nota 8, p. 92.

botica da Casa de São Roque; 3 receitas provenientes da botica do Colégio do Rio de Janeiro, com ênfase na *Massa para Cezoens* também produzida nas boticas dos colégios jesuítas de Macau e Santo Antão; e, finalmente, 7 receitas provenientes da botica do Colégio do Recife, entre elas a *Água Othalmica Romana*, também produzida na botica do Colégio de Macau.

Além da indicação das boticas da América portuguesa que produziam esses medicamentos, a *Colecção de Varias Receitas* traz ainda criações de irmãos boticários que atuaram em diversas boticas da Ordem na colônia. Esse foi o caso do irmão Francisco da Silva, que entrou para a Companhia em 1717, sendo classificado como *insignis pharmacopola* e enfermeiro. Atuou nos colégios de São Paulo (1732) e Rio de Janeiro (1737) e ficou responsável, em 1738, por organizar os serviços de farmácia do Colégio de Olinda e de trabalhar na farmácia do Colégio do Recife.⁴⁵ Entre suas criações destacaram-se 11 medicamentos: 1 para insônia e dor de cabeça, 1 emético, 1 vesicatório, 2 vermífugos, 1 contra anemia, 1 antissifilítico e 4 contra doenças da pele. Na *Colecção* estes aparecem, respectivamente, como *Unguento Narcotico*, *Unguento de Fezes de ouro*, *Manteiga de Chumbo*, *Emplastro para matar Lombrigas*, *Triaga contra Lombrigas*, *Jalea Optima de ponta de Veado*, *Unguento de azougue*, *Leite Virginal* e *Unguento para empijas*.⁴⁶

Cabe ressaltar o caráter polivalente de muitos desses medicamentos, como a *Manteiga de Chumbo* e o *Unguento de azougue*, com ampla serventia para:

[Manteiga de Chumbo] para defecar a sarna e todo comichão cutâneo; é bom para as empalas e chagas de cabeça ou de outra qualquer parte; é muito defecativa e serve para toda inflamação procedida do fígado e para tirar qualquer pano e sinal da cara.⁴⁷

[Unguento de azougue] para excitar o fluxo da boca com muita brevidade, para qualquer casta de galico, para a boba antiga, sarna e empigens. Untão com ele todas as articulações, fomentando por algum peso[?] se as vezes necessário for.⁴⁸

Outro irmão boticário que se notabilizou pela criação de remédios para doenças de pele foi Manuel Diniz, que entrou para a Ordem em 1729, atuando nos Colégios de Recife e Olinda.⁴⁹ São dele os famosos *Bálsamo para Empigens* e *Unguento para Empijas*, medicamentos de aplicação tópica e que têm como ingrediente principal de sua fórmula o bálsamo do Brasil (Copaíba).⁵⁰

O conteúdo da *Colecção de Varias Receitas* permite ainda que se tenha conhecimento das enfermidades mais comuns que assolavam o cotidiano da população colonial. A maioria dos medicamentos desenvolvidos destinava-se, preferencialmente, para a terapêutica das doenças de pele, a anemia e a sífilis. Entretanto, as boticas jesuítas também elaboraram medicamentos de efeitos variados, conforme sinalizou Serafim Leite:

[...] eméticos ou vomitório 7; purgantes 6; para febres e sezonismo 4; para enfermidades das senhoras 4; para chagas e feridas 3; para vermes intestinais 3; para tumores duros 3; para apoplexias 3; para paralisia 2; para histerismo 2; para lobinhos, verrugas e cancos (não malignos) 2; para doenças dos olhos 2; para dores de cabeça 2; e um específico para cada uma das seguintes enfermidades: do peito, coração, estômago, cólicas, disenterias,

⁴⁵ LEITE, Serafim. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*. Op. cit., nota 29, p. 261-262.

⁴⁶ *Colecção de Varias Receitas*, 1766. Op. cit., nota 16, p. 131-471.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 212.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 457.

⁴⁹ LEITE, Serafim. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*. Op. cit., nota 29, p. 162-163.

⁵⁰ *Colecção de Varias Receitas*, 1766. Op. cit., nota 16, p. 59-60 e 467-469.

varíola (remédio que se apresenta não como eficaz em todos os casos, mas útil), reumatismo, gota, hidropisia, epilepsia, escorbuto, insônia e mordeduras de cobras.⁵¹

A partir do exposto, sinalizamos o fato de que a análise da *Coleção de Varias Receitas* lança luz sobre um tipo de escrita jesuíta que não a missionária, mas que também contribuiu para popularizar os inicianos. Tal escrita guarda profundas relações com o desbravamento e conhecimento do mundo natural, mas, sobretudo, demonstra a inserção da Ordem em questões da ciência da Época Moderna, contribuindo, por fim, para desmistificar a imagem que associa a ação dos jesuítas pela negação de sua relação com questões de foro científico.

Viviane Machado Caminha São Bento: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (HCTE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Mestre em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores, UERJ-FFP (2010). Graduada em História, bacharelado e licenciatura plena pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2007).

Nadja Paraense dos Santos: Professora adjunta da Universidade Federal do Rio de Janeiro no Programa de Pós-Graduação de História das Ciências das Técnicas e Epistemologia (HCTE) e no Mestrado Profissional de Ensino de Química do Instituto de Química - UFRJ. Linha de Pesquisa na área de Ensino de Química e de História das Ciências no Brasil com ênfase em História da Química.

⁵¹ LEITE, Serafim. *Serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil (1544-1760)*. *Op. cit.*, nota 29, p. 13.